

# GÊNERO: TRAJETÓRIAS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA

1. Estas reflexões foram inicialmente apresentadas no Seminário "História da Igreja na América Latina e no Caribe: Novos Sujeitos, Novos Temas", organizado pelo Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina - CEHILA, em setembro de 1994. Agradeço pela oportunidade de participação e pelas contribuições que se encontram incorporadas a esse texto.

As recentes preocupações da historiografia com a descoberta de "*outras histórias*" vêm favorecendo a inclusão das mulheres e da incorporação da abordagem de gênero nos estudos históricos.<sup>1</sup> Por outro lado, esses trabalhos têm contribuído de modo significativo para a renovação temática e metodológica, ao redefinirem e ampliarem noções tradicionais e ao permitirem o questionamento de categorias abstratas e universais, abrindo possibilidades para a recuperação de experiência de outros setores sociais.

Tendo em vista essas inquietações, o presente trabalho discutirá, num primeiro momento, os estudos que incorporam a mulher e a abordagem de gênero na história, recuperando o contexto de sua emergência e sua trajetória na historiografia nas últimas décadas. Em seguida será focalizada a categoria gênero, numa reflexão sobre suas contribuições para a ampliação de perspectivas da análise histórica, bem como sobre seus impasses e dificuldades. Por fim, realizar-se-á um balanço sobre o tema, apontando-se algumas de suas perspectivas futuras.

## 1. TRAJETÓRIA E INFLUÊNCIAS

A expansão dos estudos que incorporam a mulher e a abordagem de gênero na história localiza-se no quadro de transformações por que vem passando a história nos últimos tempos. Sendo possível afirmar que, por razões internas e externas, esses estudos emergiram da crise dos paradigmas tradicionais da escrita da história, que requeria uma completa revisão dos seus instrumentos de pesquisa. Essa crise de identidade da história levou à procura de "*outras histórias*", o que levou a uma am-

pliação do saber histórico e possibilitou uma abertura para a descoberta das mulheres e do gênero.

Na realidade, os estudos sobre a mulher nas ciências sociais brasileiras têm uma certa ancestralidade — sem retroceder muito, poderíamos citar a publicação, em 1969, de *A Mulher na Sociedade de Classes. Mito e realidade*, de Heleieth Saffioti.<sup>2</sup>

A presença das mulheres nos escritos acadêmicos vem crescendo, especialmente, a partir do segundo pós-guerra, em função de um conjunto de fatores que têm dado visibilidade às mulheres, mediante sua conquista de novos espaços. Um primeiro fator seria a maior presença feminina no mercado de trabalho, inclusive nas universidades, conjugada à expansão da luta das mulheres pela igualdade de direitos e pela liberdade, numa conquista do espaço público que derivou da afirmação dos movimentos feministas.

Por outro lado, a discussão dos paradigmas das ciências sociais levou, entre outros aspectos, ao questionamento das universalidades, permitindo a descoberta do outro, da alteridade, dos excluídos da história e entre eles mais de 50% da população mundial — as mulheres.

Apesar dos longínquos antecedentes das lutas femininas<sup>3</sup>, suas reivindicações voltaram ao cenário somente em 1975, quando a ONU instaurou o Ano Internacional da Mulher. Mesmo sob o contexto desfavorável dos governos militares, os temas referentes à mulher reapareceram: violência sexual, contracepção, aborto, juntamente com as reivindicações concernentes ao trabalho (a dupla jornada de trabalho) e à cidadania das mulheres.

Somaram-se a essa luta outros canais de participação da mulher, sobretudo na forma dos movimentos por melhores condições de vida que ocuparam o espaço social e político a partir da segunda metade da década de 70. Nos âmbitos dos bairros, creches, escolas e principalmente nas igrejas a presença feminina foi marcante, reivindicando condições de saúde, educação, saneamento básico, habitação (carências de uma população marginalizada no processo de urbanização), além da luta pela anistia.

Enquanto os espaços tradicionais de expressão política se encontravam fechados, elas se organizaram em formas alternativas de atuação muitas vezes em torno de uma luta pelo imediato que as constituía enquanto sujeitos coletivos e políticos.<sup>4</sup>

Assim, na década de 70, as mulheres entraram em cena e se tornaram visíveis na sociedade e na academia, onde os estudos sobre a mulher se encontravam marginalizados da maior parte da produção e da documentação oficial. Isso instigou os interessados na reconstrução das experiências, vidas e expec-

2. Heleieth SAFFIOTI, *A Mulher na sociedade de classes mito e realidade*. São Paulo, Livraria Quatro A. 1969.

3. Desde os finais do século passado, sinhas e mulheres de elite publicaram jornais femininos onde suas reivindicações concentraram-se sobretudo em dois pontos: a educação feminina e o direito de voto da mulheres. Desde os anos 20, mulheres como Bertha Lutz, Maria Lacerda de Moura e Eugenia Cobra lutaram pela emancipação feminina, paralelamente às lutas de mulheres operárias, sobretudo anarquistas. Temos aí claramente definidas as duas vertentes do feminismo: a liberal e a libertária. June E. JUNE, *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas, 1850-1937*, São Paulo, Brasiliense, 1981 e Maria Amélia de Almeida TELLES, *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1993.

4. Eder SADER, *Quando novas personagens entram em cena*. São Paulo, Paz e Terra, 1989; Elisabeth SOUZA-LOBO, *A classe operária tem dois sexos: Trabalho, dominação e resistência*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

tativas das mulheres nas sociedades passadas, descobrindo-as como objeto de estudo.

As novas tendências de abordagem histórica emergentes nesse momento possibilitavam uma abertura para os estudos sobre a mulher, ao ampliarem áreas de investigação e ao renovarem a metodologia e os marcos conceituais tradicionais, apontando para o caráter dinâmico das relações sociais e modificando os paradigmas históricos. Contudo, a influência mais marcante para essa abertura parece ter sido a descoberta do político no âmbito do cotidiano, o que levou a um questionamento sobre as transformações da sociedade, o funcionamento da família, o papel da disciplina e das mulheres, o significado dos fatos, lutas e gestos cotidianos. Assim, a expansão dos estudos sobre a mulher vinculou-se a uma redefinição do político, frente ao deslocamento do campo do poder das instituições públicas e do Estado para a esfera do privado e do cotidiano.<sup>5</sup>

5. Maria Izilda S. de MATOS, *Na trama do cotidiano*, Em *CADERNOS CERU*, nº 5, serie 2, 1994, pp. 13-27.

À essa politização do dia-a-dia incorpora-se também a visão do relativismo pós-moderno, que praticamente destrói a tradicional distinção entre o central e o periférico na história, contribuindo, assim, para o desaparecimento progressivo do acontecimento histórico, do “fato” como foco central de análise.

Essas novas perspectivas e influências emergentes nesse momento possibilitaram a reorientação do enfoque histórico, com o desmoronamento da continuidade, o questionamento de abordagens globalizantes do real, também de uma história política “*evenementielle*”, de corte neopositivista e em geral centrada nos estudos das elites e dos heróis masculinos, permitindo também o questionamento da universalidade do discurso histórico. Tiveram como preocupação abrir trilhas renovadoras, desimpedidas de cadeias sistêmicas e de explicações causais, criar possibilidades de articulação e inter-relação, recuperar diferentes verdades e sensações, promover a descentralização dos sujeitos históricos e permitir a descoberta das “*histórias de gente sem história*”, procurando articular experiências e aspirações de agentes aos quais se negou lugar e voz dentro do discurso histórico convencional. Nessa perspectiva, o tema da mulher passou a atrair os historiadores desejosos de ampliar os limites de sua disciplina, de abrir novas áreas de pesquisa e acima de tudo de explorar as experiências históricas de homens e mulheres cuja identidade foi tão frequentemente ignorada ou mencionada apenas de passagem.

A pluralidade de possibilidades de olhares sobre o passado — mostrando que este pode ser desvendado a partir de múltiplas questões, entre elas algumas que são motivadas pelo presente — permite perceber toda uma vinculação entre a produção acadêmica e a emergência dos movimentos feministas e de

mulheres. Este esclarecimento se faz mais necessário quando nos damos conta de que a história não recupera o real no passado, não narra o passado, mas constrói um discurso sobre este, trazendo tanto o olhar, quanto a própria subjetividade, do historiador que recorda e narra o passado.

## 2. O TEMA NA HISTORIOGRAFIA

Nas ciências sociais, ampliaram-se nos últimos anos os estudos sobre a mulher, sua participação na sociedade, na organização familiar, nos movimentos sociais, na política e no trabalho; o tema adquiriu notoriedade e abriu novos espaços, em particular após a incorporação da categoria gênero. A produção historiográfica sobre as mulheres vem crescendo e tomando vigor pluralista, abrangendo distintas formas de abordagem e conteúdos variados. Assim, não se pretende aqui um levantamento exaustivo de toda essa ampla produção, mas pontuar algumas questões que parecem fundamentais para o debate.

O processo de emergência do tema, tanto na produção historiográfica, como em outras áreas, privilegiou nos anos 70, entre outras questões, a do trabalho feminino, em particular o trabalho fabril. É indiscutível a maior visibilidade do trabalho, por seu papel fundamental para a sobrevivência e pelo fato de ocupar grande parte da vida cotidiana. Todavia, esse privilégio dado ao mundo do trabalho possivelmente se deve a um certo vinculamento inicial destas pesquisas aos estudos sobre o movimento operário e a uma herança da tradição marxista, cuja preocupação era identificar os signos da opressão masculina e capitalista sobre as mulheres.<sup>6</sup>

A produção historiográfica brasileira sobre as mulheres nos anos 80 apresenta variadas abordagens, que analisam aspectos diferenciados da questão. No âmbito da temática do trabalho feminino, procurou-se resgatar as múltiplas estratégias e resistências criadas e recriadas pelas mulheres no cotidiano, bem como sua capacidade de explorar as inconsistências ou incoerências dos sistemas sociais e políticos para encontrar brechas através das quais pudessem se expressar ou, ao menos, sobreviver.

Procurou-se reconstruir a estrutura ocupacional feminina num meio urbano através do exercício de papéis improvisados, destacando e descobrindo sua presença constante na inserção no espaço público, onde as atividades femininas adquirem importância. A maior parte desses trabalhos privilegiou o período colonial e anos iniciais do século XIX, localizando a mulher no espaço urbano, em sua faina para colaborar na manutenção da casa, quando não provendo sozinha o próprio sustento e o da família. Nesse sentido, os estudos como os de

6. Alice ABREU, *O Avesso da moda*. São Paulo, Hucitec, 1986; R. LEITE, *A operária metalúrgica*. São Paulo, Semente, 1982; Esmeralda Luiz BLANCO, *O trabalho da mulher e do menor na indústria paulistana (1890-1920)*. Petrópolis, Vozes, 1982. Maria Valéria Juno BLANCO, *Mulheres e trabalhadoras: Presença Feminina na constituição do sistema fabril*. São Paulo, Paz e Terra, 1981. Amélia R.S. TEIXEIRA, et alii. *O trabalho da mulher na indústria de vestuário*. Em *Mulher, mulheres*. São Paulo, Cortez-Fund. Carlos Chagas, 1983.

7. Independente das críticas que são feitas a Thompson de como ele incorpora as mulheres em seus estudos, ver Joan SCOTT, *Gender and the politica of History*. Nova York, Columbia University Press, 1988.

8. Nesse sentido foi pioneiro o trabalho de A.J.R. RUSSELLWOOD, *Women and society in colonial Brasil*. Em *JOURNAL OF LATIN-AMERICAN STUDIES*, nº 91. Mas destacaria em particular para o período colonial e início do século XIX as significativas contribuições de Elisabeth KUSNESOF, *Household and economy and urban development: São Paulo-1765 to 1836*. Boulder: Westview Press, 1986; Maria Odila da Silva DIAS, *Quotidiano e poder em São Paulo — século XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1984 e Idem. *Nas fimbrias da escravidão urbana: negras de tabuleiro e de ganho*. Em *REVISTA DE ESTUDOS ECONÔMICOS* nº 15, São Paulo, 1985; Miriam Moreira LEITE(org.), *A Condição feminina no Rio de Janeiro- século XIX*. São Paulo, Hucitec, 1984; Maria Beatriz Nizza da SILVA, *O trabalho feminino do Brasil Colonial (1765-1822)*. Em *Anais da VIII Reunião da SBPH*, São Paulo,

1989; Eni SAMARA, *As mulheres, o poder e a família- São Paulo, século XIX*, São Paulo, Marco Zero/SECSP, 1989 e Idem. *Women's roles and work alternatives em XIXth century Brazil*. Em XVI INTERNATIONAL CONGRESS, LASA, Washington, 1991 e Luciano R. de A. FIGUEIREDO, *Quitandas e quitudes*. Em *CADERNOS DE PESQUISA*, São Paulo, (54), 1985.

9. Leila Mezan ALGRANTI, *Honradas e devotas: mulheres da Colônia*. São Paulo. José Olympio, 1993; Alzira L. de Arruda CAMPOS, *O casamento e a família em São Paulo Colonial: caminhos e descaminhos*. Tese de doutorado, São Paulo, 1986; Raquel R. L. Domingues COSTA, *Divórcio e anulação de matrimônio em São Paulo Colonial*. Tese de doutorado, São Paulo, 1986; Mary DEL PRIORI, *Ao sul do corpo*. São Paulo, José Olympio, 1993; Eliana M. Rea, GOLDSCHMIDT, *Casamentos mistos de escravos em São Paulo Colonial*. Dissertação de mestrado, São Paulo, 1990; Luciano FIGUEIREDO, *Barrocas famílias: vida familiar em Minas Gerais no século XVIII*. Dissertação de mestrado, São Paulo, 1990; Lana Lage da G. LIMA, *A Confissão pelo avesso: o crime de solicitação no Brasil Colonial*. Tese de doutorado, SÃO PAULO, 1990; Fernando Torres LONDOÑO, *Público e escandaloso: Igreja e concubinato no antigo bispado do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado, São Paulo, 1992; Angela MENDES DE ALMEIDA, *O gosto do pecado (casamento e sexualidade nos manuais de confessores dos séculos XVI e XVII)*. Rio de Janeiro, Rocco, 1992; Luiz MOTT, *Os pecados da família na Bahia de Todos os Santos (1813)*. Em *CADERNOS CERU*, São Paulo, 18 (1983-Mai), p.91-129; M. Beatriz NIZZA DA SILVA, *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo, T. A. Queiroz/EDUSP, 1984; Ilan W. H. NOVINSKY, *Heresia, mulher e sexualidade*. Em *Vivências (História, sexualidade e imagens femininas)*. São Paulo. Fundação

E. P. Thompson<sup>7</sup> foram inspiradores para trazer luzes sobre o que poderíamos chamar de uma “*cultura de resistência*”, em que a luta pela sobrevivência e a improvisação tomaram feições de atitudes políticas, formas de conscientização e manifestações espontâneas de resistência.<sup>8</sup>

Destacaram-se também os estudos sobre o papel feminino na família, as relações vinculadas ao casamento, à maternidade e à sexualidade. Focalizando a intersecção entre o privado e o público, entre o individual e o social, o demográfico, o político e o erótico, esses estudos desenvolvidos na historiografia brasileira estiveram mais concentrados na análise do período colonial e início do século XIX, e desvendaram em particular as fontes ligadas à Igreja e ao Estado.<sup>9</sup>

Já no tocante ao período final do século XIX e começo do século XX, os estudos históricos enfocaram aspectos diversos, destacando a disciplinarização, os padrões de comportamento, os códigos de sexualidade e a prostituição, e priorizaram como fontes as judiciárias e as médicas.<sup>10</sup>

Nessa produção recente mais significativa, poderes e lutas femininas foram recuperados, mitos examinados e estereótipos repensados. Procurou-se rever imagens e enraizamentos impostos pela historiografia, bem como dar visibilidade às mulheres, questionando a dimensão de exclusão a que estavam submetidas, entre outros fatores, por um discurso universal masculino.<sup>11</sup> Revelaram-se novos perfis femininos, outras histórias foram contadas e outras falas recuperadas.

Assim, num leque de várias correntes de interpretações, procurou-se recuperar a atuação das mulheres no processo histórico, enquanto sujeitos ativos, de modo que as imagens de pacificidade, ociosidade e confinamento ao espaço do lar vêm sendo questionadas, descortinando-se esferas de influência e recuperando-se testemunhos femininos.

Contudo, torna-se cada vez mais necessário, sem esquecer a opressão histórica sobre as mulheres, superar a dicotomia ainda fortemente presente entre a “*vitimização*” da mulher — uma análise que apresenta um processo linear e progressista de suas lutas e vitórias — e a visão de uma “*onipotência*” feminina, que algumas vezes estabelece uma “*heroicização*” das mulheres.<sup>12</sup>

O crescimento da produção historiográfica permite apontar que não se trata apenas de incorporar as mulheres no interior de uma grande narrativa pronta, quer mostrando que as mulheres atuaram tanto quanto os homens na história, quer destacando as diferenças de uma “*cultura feminina*”, perdendo-se assim a multiplicidade do ser feminino, podendo-se cair numa mera perspectiva essencialista. Após a fase inicial da necessidade de tornar visíveis as mulheres, abre-se a possibilidade de se recobrar a experiência coletiva de homens e mulheres no passado em toda a sua complexidade, bem como procu-

ra-se um aprimoramento metodológico que permita recuperar os mecanismos das relações sociais entre os sexos e as contribuições de cada qual ao processo histórico.

### 3. GÊNERO : UMA CATEGORIA ÚTIL DE ANÁLISE HISTÓRICA<sup>13</sup>

É em função dessas críticas e das próprias transformações nas reivindicações dos movimentos feministas<sup>14</sup> que surge o gênero enquanto categoria de análise histórica.

Nesse sentido, importantes contribuições foram dadas pela arqueologia dos discursos de Foucault, pela proposta de desconstrução de Derrida, pela historiografia das mentalidades e até mesmo pela psicanálise de Lacan. Esses pensadores tiveram ressonância entre estudiosos do tema da mulher e dentro do movimento feminista, propiciando a emergência das pesquisas em torno do gênero, que convergiram com uma nova tendência historiográfica: a "*história cultural*".

Sem dúvida, a categoria gênero reivindica para si um território específico, em face da insuficiência dos corpos teóricos existentes para explicar a persistência da desigualdade entre mulheres e homens. Enquanto nova categoria, o gênero vem procurando dialogar com outras categorias históricas já existentes, mas vulgarmente ainda é usado como sinônimo de mulher, já que seu uso teve uma acolhida maior entre os estudiosos deste tema. Considerada mais neutra e objetiva, seu uso também pode ser visto como uma faceta que busca dar legitimidade acadêmica por parte dos estudiosos do tema.

Por sua característica basicamente relacional, a categoria gênero procura destacar que a construção dos perfis de comportamento feminino e masculino define-se um em função do outro, uma vez que constituíram-se social, cultural e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados. Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos, e são portanto uma forma primária de relações significantes de poder.

Tendo entre suas preocupações evitar as oposições binárias fixas e naturalizadas, os estudos de gênero procuram mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas, através de símbolos, jogos de significação, cruzamentos de conceitos e relações de poder, conceitos normativos, relações de parentesco, econômicas e políticas.

### 4. CONTRIBUIÇÕES: MÉTODO, CATEGORIAS, FONTES E TEMPORALIDADES

A expansão e o enriquecimento dos temas de investigação propostos pelos estudos de gênero foram acompanhados por

Carlos Chagas/ Brasiliense, 1980; Ronaldo. VAINFAS, *Os trópicos dos pecados*. Tese de doutorado, São Paulo, 1986; Ronaldo VAINFAS (org.), *História e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.

10. Margareth RAGO, *Do cabaré ao lar*. A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985; Idem, *Os prazeres da noite*; Prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991; Rachel SOIHET, *Condição feminina e formas de violência*; Mulheres pobres e ordem urbana-1890-1920. Rio de Janeiro, Forense, 1989 e Martha de Abreu ESTEVES, *Meninas perdidas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

11. Michelle PERROT, *Os Excluídos da História*. Operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988; *Práticas da memória feminina*. Em REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA: A mulher e o espaço público. Anpuh-Marco Zero, 1989, nº.18; *Les Femmes, le pouvoir, l'histoire*. Em *Une histoire de femmes est-elle possible?*. Paris, Rivage, 1984.

12. Certos corpos documentais cujo discurso vincula-se à procura de disciplinarização precisam ser utilizados com cautela, nos estudos da mulher. Para a recuperação dos sujeitos históricos, tem-se que atentar para a não fragmentação da resistência-subordinação, não transformando os sujeitos da resistência em objetos da subordinação. Por outro lado, deve-se ter atenção para não atribuir uma força consciente invejável às lutas e resistências femininas, dando-lhes quase uma onipotência, reconstruindo heróis e invertendo mitos.

13. Joan SCOTT, *Gênero uma categoria útil de análise histórica*. Em *Mulher e realidade*: mulher e educação. Porto Alegre, Vozes, v. 16,(1990,-jul/dez), nº. 2,

14. Não podemos esquecer que a partir dos anos 80 o feminismo passa por toda uma autocrí-

tica: antigas plataformas, como a busca pela igualdade de condições e direitos em relação aos homens e a procura de construção de uma identidade feminina única, são em parte questionadas, pontuadas pela diversidade dentro das lutas femininas. As mulheres penetravam nos movimentos sociais, expressando suas reivindicações no interior dos partidos, sindicatos e inúmeras outras associações, além de se descobrirem as diversidades dentro do próprio movimento feminista, que deixava de ser uma luta localizada.

15. François DOSSE, *História em migalhas*. São Paulo, Ensaio/ Unicamp, 1992.

renovações dos marcos temáticos e metodológicos, enfoques e modos de análise inovadores que, além de questionar os paradigmas históricos tradicionais, vêm colocando novas questões, descobrindo novas fontes, enfim, contribuindo para redefinir e ampliar noções tradicionais do significado histórico.

O personagem histórico universal cede lugar a uma pluralidade de protagonistas, e o método único e racional do conhecimento histórico foi substituído pela multiplicidade de histórias, o que não significa dizer que a história encontra-se “*em migalhas*”.<sup>15</sup>

Esta produção tem revelado os limites da utilização de certas categorias descontextualizadas, sinalizando a necessidade de estudos específicos que evitem tendências a generalizações e premissas preestabelecidas, bem como observem a heterogeneidade das experiências, incorporando toda a complexidade do processo histórico, o que implica aceitar as mudanças e descontinuidades históricas.

Quanto às categorias de análise, nota-se uma preocupação explícita de se libertar de conceitos abstratos e universais, e ao mesmo tempo resgatar as experiências de outros protagonistas, levando o historiador a restringir o objeto analisado e desconstruí-lo no passado, sempre trabalhando de forma relacional os dois gêneros, permitindo assim a redescoberta de situações inéditas, não no sentido de apontar o excepcional, mas de descobrir o que até então era inatingível, por estar submerso.

Procurar historicizar os conceitos e categorias com que se tem trabalhado (entre elas a própria categoria gênero), construindo-os durante o próprio processo de pesquisa, e incorporar as mudanças, aceitando conscientemente a transitoriedade dos conceitos e do próprio conhecimento, são preocupações que norteiam o trabalho do historiador, bem como aceitar a própria efemeridade das perspectivas, a instabilidade das categorias analíticas, constantemente reconstruídas, e a historicidade inerente ao processo de conhecimento.

Nesse sentido, a reconstrução das categorias público e privado a partir da perspectiva feminina pode ajudar a clarificar a questão. Os limites entre o público e privado foram mais explicitados com a definição das esferas sexuais e da delimitação de espaços para os sexos.<sup>16</sup> A representação do lar e da família em termos naturais, e da esfera pública, ao contrário, como instância histórica, foi uma herança vitoriana da qual emerge o dualismo público/privado, reafirmando o privado como espaço da mulher, ao destacar a maternidade como necessidade e o espaço privado como *locus* da realização das potencialidades femininas.

Os estudos de gênero vão de encontro a certas tendências da historiografia contemporânea que questionam a concepção de história como evolução linear e progressista e a do tempo vincu-

16. P. VEYNE (org.), *História da vida privada: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo, Companhia das Letras, v. I, 1990, p. 10.

lado a leis de mudanças e prognósticos do futuro.<sup>17</sup> Procurando acabar com a segmentação entre passado e presente, os estudos de gênero contribuíram para a ampliação do objeto de conhecimento histórico, levando à descoberta de temporalidades heterogêneas, ritmos desconexos, tempos fragmentados e descontinuidades, descortinando o tempo imutável e repetitivo ligado aos hábitos, mas também o tempo criador, dinâmico e das inovações, focalizando o relativo, a multiplicidade de durações que convivem entre si urdidas na trama histórica.<sup>18</sup> As nuances, as tendências, os movimentos passaram a ocupar a atenção dos historiadores, em lugar da certeza de fatos cronológicos e periodizações específicas, permitindo ver que a própria história das mulheres não é uma linearidade progressiva, tem ir-e-vir, e que suas lutas e resistências também não podem ser vistas apartadas de toda uma dinâmica da dominação presente na trama histórica.

É indiscutível a contribuição da produção historiográfica sobre o gênero na ampliação das visões do passado, mas ainda há muito mais por ser feito, já que grande parte dos segredos a serem conhecidos ainda está encoberta por evidências inexploradas. Nesse sentido, os estudos de gênero reconhecem a pesquisa empírica como elemento indispensável para detectar o movimento de constituição de sujeitos históricos, analisando as transformações por que passaram e como construíram suas práticas cotidianas. Todavia, restam ao pesquisador apenas fragmentos filtrados pela consciência hegemônica dos documentos oficiais e da Igreja.

Os estudos históricos com a abordagem de gênero trouxeram à luz uma diversidade de documentações, um mosaico de pequenas referências esparsas, que vão desde a legislação repressiva, fontes policiais, ocorrências, processos-crimes, ações de divórcios, até canções, provérbios, literatura, cronistas, memorialistas e folcloristas, sem esquecer as correspondências, memórias, manifestos, diários, materiais iconográficos e fontes eclesiais. Os jornais, a documentação oficial, cartorial e censos não são descartados, bem como a história oral, que vem sendo utilizada intensamente e de maneira inovadora.<sup>19</sup>

Assim, a dificuldade do historiador está mais na fragmentação do que na ausência da documentação, o que requer uma paciente busca de indícios, sinais e sintomas, uma leitura detalhada para esmiuçar o implícito, para descortinar as estruturas do cotidiano.

Os estudos de gênero têm se mostrado como um campo multidisciplinar, com uma pluralidade de influências, na tentativa de reconstituir experiências excluídas. Nesse sentido, aproximaram-se particularmente da psicologia e da antropologia, influências que sem dúvida favoreceram a ampliação de áreas de investigação histórica.<sup>20</sup>

17. Philippe ARIÉS, *O Tempo da História*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989.

18. Esses estudos vêm possibilitando, além da descoberta de temporalidades anteriormente abstraídas, a focalização de outros espaços, contribuindo para redefinir e ampliar noções tradicionais e permitindo o questionamento da polarização entre tempo e espaço, enfocando-os como uma totalidade constitutiva da trama histórica e presente na memória coletiva.

19. P. THOMPSON, *A voz do passado*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992 e Maria de Lourdes Monaco JANOTTI, *História oral: uma utopia?*, São Paulo, 1993, mimeo.

20. Keith THOMAS, *History and Anthropology*. Em *PAST AND PRESENT*, n.24 (1963), p. 3-24 e *O Homem e o mundo natural*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.



Assim, a abertura dos estudos históricos para as abordagens de gênero vem colocando várias questões em relação a fontes, método e explicação. A construção de um conhecimento dialético no campo move a direção dos estudos de gênero tem buscado recuperar a historicidade das relações entre os sexos, desvendar suas características, estabelecer relações e articulações entre amplas dimensões.<sup>21</sup>

21. Utilizar-se da instabilidade das categorias como um recurso de análise é a proposta de Sandra HARDING, *The instability of the analytical categories of feminist theory*. Em *SINGS*, Chicago, v.11 (1986), n.º.4, pp. 645-54.

Por outro lado, a variedade de novas abordagens historiográficas também renova os olhares sobre o passado, incorpora a diversidade e a multiplicidade de interpretações, abrindo o campo para análise de expressões culturais, modos de vida, relações pessoais, redes familiares, étnicas e de amizade entre mulheres e entre mulheres e homens, seus vínculos afetivos, ritos e sistemas simbólicos, construção de laços de solidariedade, modos e formas de comunicação e de perpetuação e transmissão das tradições, formas de resistência e lutas até então marginalizadas nos estudos históricos, propiciando um maior conhecimento sobre a condição social da mulher.<sup>22</sup> Assim, ao se destacar que o social é historicamente constituído, nele as experiências sociais feminina e masculina diferenciadas emergem numa condição própria em sociedades específicas.

22. Gerda LERNER, *Politics and Culture in Women's History*. Em *FEMINIST STUDIES*, v.6, n.º.1.

O enfoque cultural faz emergirem outras manifestações passadas da experiência coletiva e individual de mulheres e homens, em particular de um grande contingente não enquadrado em organizações, propicia aos historiadores a possibilidade de análise do mundo privado.<sup>23</sup> Nesse sentido, é importante observar as diferenças sexuais enquanto construções culturais e históricas, que incluem relações de poder não localizadas exclusivamente num ponto fixo, masculino, mas presente na trama histórica.

23. Mary NASH, *Two Decades of Women's History in Spain: a Reappraisal*. Em *Writing Women's History*. Internacional Perspectives, Macmillan, n.21.

## 5. IMPASSES E PERSPECTIVAS

Outrora rejeitada — e até marginalizada —, a história da mulher passou a ser encarada como uma possibilidade de recuperação de outras experiências. Com a incorporação do gênero enquanto categoria de análise, tem-se procurado demonstrar que o comportamento ou os valores que são aceitos em uma sociedade num certo momento histórico podem ser rejeitados em outras formas de organização social ou em outros períodos. Assim, destacar as diferenças a partir do reconhecimento de que a realidade histórica é social e culturalmente constituída tornou-se um pressuposto do pesquisador que procura incorporar essa categoria, permitindo perceber a existência de processos históricos diferentes e simultâneos, bem como abrir um leque de possibilidades de focos de análise.

As abordagens que incorporam a análise do gênero têm revelado um universo de tensões e movimento com toda uma potencialidade de confrontos, deixando entrever um mundo onde se multiplicam formas peculiares de integração-diferenciação, permanência-transformação, onde a mudança não está excluída, mas sim vivenciada de diferentes formas. Procuram, assim recobrar o pulsar na história, recuperar sua ambigüidade e a pluralidade de possíveis vivências e interpretações, desfiar a teia de relações cotidianas e suas diferentes dimensões de experiência, fugindo dos dualismos e polaridades e questionando as dicotomias.<sup>24</sup> Ao recuperarem o processo histórico, tais abordagens pretendem perceber suas mudanças e permanências, descontinuidade e fragmentação, as amplas articulações, as infinitas possibilidades dessa trama multidimensional, que se compõem e recompõem continuamente.<sup>25</sup>

A politização do privado e a privatização do público são novos desafios à interpretação crítica do historiador e permitem a ampliação de questões metodológicas importantes, sem abstração do engajamento político do sujeito do conhecimento. A politização do cotidiano pressupõe uma comunicação entre o pesquisador e os testemunhos, que provêm de um questionamento a partir da inserção do historiador no mundo contemporâneo. Envolve a interação do sujeito com o objeto, sem uma neutralidade prefixada, criando uma verdadeira sintonia entre o historiador e seu objeto de estudo.<sup>26</sup>

Ao lado do engajamento do historiador com o presente e a transitoriedade do conhecimento, há a diversidade de interpretações possíveis, a multiplicidade de perspectivas analíticas, que são constantemente refeitas junto com os parâmetros e categorias.

O crescimento da produção historiográfica sobre o gênero, ao contrário de esgotar as possibilidades, abriu um campo movediço de controvérsias, instaurando um debate fértil. Contudo, alguns problemas de definição, fontes, método e explicação persistem, e entre eles a diversidade que envolve a própria categoria gênero.<sup>27</sup>

Um balanço da produção e a crítica interna permitem visualizar o surgimento de desafios. Inquestionavelmente, grande parte da produção historiográfica privilegiou o enfoque das experiências femininas em detrimento de seu universo de relações com o mundo masculino. Poucos são os estudos que analisam a masculinidade, bem como a homossexualidade, deixando de revelar as pluralidade dos femininos e dos masculinos.

Proliferaram os estudos concretos, mas já se sente a necessidade de uma síntese que abarque as continuidades e descontinuidades, as desigualdades persistentes e as experiências sociais radicalmente diferentes. Igualmente difícil de analisar é a

24. M. Odila L. da Silva DIAS, *Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano*. Em *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas, 1992.

25. Uma urdidura de intermediações do sistema de poder revela toda uma organização de solidariedade, resistência silenciosa e contestadora, cumulativa de improvisação. E. LE ROY LADURIE, *Le paysans de Languedoc*. Flammarion, Paris, 1969; Paul VEYNE, *Como se escreve a história*, Distrito Federal, Universidade de Brasília, 1982.

26. Hans-Georg GADAMER, *Truth and method*, Nova York, Crossroad, 1984.

27 Peter BURKE (org.), *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, UNESP, 1992, p. 24.

relação entre o particular e o geral, de modo que constitui grande desafio para o historiador mostrar como os gêneros fazem parte da história, abordá-los mais de modo analítico que apenas descritivo, relacioná-los aos acontecimentos mais conjunturais, estabelecendo relações e articulações mais amplas, inserindo-os na dinâmica das transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, o que propicia a reinvenção da totalidade histórica dentro do limite do objeto pesquisado.

Por outro lado devemos lembrar a manutenção da discrepância entre a alta qualidade da recente investigação histórica sobre as mulheres e a persistência de seu status marginal, que se soma à debilidade dos movimentos feministas contemporâneos, descolados dos estudos acadêmicos. Há que se aprofundar a análise não apenas das experiências masculina e feminina no passado, senão também da conexão entre história passada e prática atual.

Na realidade, existem muitos gêneros, muitos “femininos” e “masculinos”, e temos que reconhecer a diferença dentro da diferença. Desse modo, **mulher e homem** não constituem simples aglomerados; elementos como cultura, classe, etnia, geração e ocupação devem ser ponderados e intercruzados numa tentativa de desvendamento mais frutífera, através de pesquisas específicas que evitem tendências a generalizações e premissas preestabelecidas. Sobrevem a preocupação em desfazer noções abstratas de “mulher” e “homem”, enquanto identidades únicas, a-históricas e essencialistas, para pensar a mulher e o homem enquanto diversidade no bojo da historicidade de suas inter-relações.

Os estudos de gênero, porém, não representam opção para o pesquisador preocupado com um método que pressuponha equilíbrio, estabilidade e funcionalidade. Tal temática é extremamente abrangente e impõe dificuldades para definições precisas. São muitos os obstáculos para os pesquisadores que se atrevem a averedar pelos estudos de gênero - campo minado de incertezas, repleto de controvérsias e de ambigüidades, caminho inóspito para quem procura marcos teóricos fixos e muito definidos.

#### BIBLIOGRAFIA:

- ABREU, Alice. *O Avesso da moda*. São Paulo, Hucitec, 1986.
- ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia*. São Paulo. José Olympio, 1993.
- ARIÉS, Philippe. *O Tempo da história*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989.
- BLANCO, Esmeralda Luiz. *O trabalho da mulher e do menor na indústria paulistana (1890-1920)*. Petrópolis, Vozes, 1982.

- BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, UNESP, 1992.
- CAMPOS, Alzira L. de Arruda. *O casamento e a família em São Paulo Colonial: caminhos e descaminhos*. Tese de doutorado. São Paulo, 1986.
- COSTA, Raquel R. L. Domingues. *Divórcio e anulação de matrimônio em São Paulo Colonial*. Tese de doutorado. São Paulo, 1986.
- DEL PRIORI, Mary. *Ao sul do corpo*. São Paulo, José Olympio, 1993.
- DIAS, Mária Odila da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo — século XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- , *Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano*. Em *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992.
- DOSE, Francos. *História em migalhas*. SP, Ensaio/Unicamp, 1992.
- ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, s/d.
- FIGUEIREDO, Luciano R. de A. *Quitandas e quitudes*. Em *CADERNOS DE PESQUISA*, São Paulo 54 (1985).
- , *Barrocas famílias: vida familiar em Minas Gerais no século XVIII*. Dissertação de mestrado. São Paulo, 1990.
- GADAMER, Hans-Georg. *Truth and method*, Nova York, Crossroad, 1984.
- GOLDSCHMIDT, Eliana M. Rea. *Casamentos mistos de escravos em São Paulo colonial*. Dissertação de mestrado. São Paulo, 1990.
- HANER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas, 1850-1937*, São Paulo, Brasiliense, 1981.
- HARDING, Sandra. *The instability of the analytical categories of feminist theory*. Em *SNGS*, Chicago, 11 (1986-4), pp. 645-54.
- JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. *História oral: uma utopia?* São Paulo, 1993, mimeo.
- KUSNESOF, Elisabeth. *Household and economy and urban development: São Paulo-1765 to 1836*. Boulder: Westview Press, 1986.
- LEITE, R. *A operária metalúrgica*. São Paulo, Semente, 1982.
- LEITE, Miriam Moreira (org.). *A Condição feminina no Rio de Janeiro- século XIX*. São Paulo, Hucitec, 1984.
- LERNER, Gerda. *Politics and Culture in Women's History*. Em *FEMINIS STUDIES*, 6, n.1.
- LE ROY LADURIE, E. *Le paysans de Languedoc*. Paris, Flammarion, 1969.

- LIMA, Lana Lage da G. *A Confissão pelo avesso: o crime de solitação no Brasil Colonial*. Tese de doutorado. São Paulo, 1990.
- LONDONO, Fernando Torres. *Público e escandaloso: Igreja e concubinato no antigo bispado do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado. São Paulo, 1992.
- MENDES DE ALMEIDA, Angela. *O gosto do pecado (casamento e sexualidade nos manuais de confessores dos séculos XVI e XVII)*. Rio de Janeiro, Rocco, 1992.
- MATOS, Maria Izilda S. de. *Na trama do cotidiano*. Em *CADERNOS CERU*, Série 2, Nº 5 (1994), pp. 13-27.
- MOTT, Luiz. *Os pecados da família na Bahia de Todos os Santos (1813)*. Em *CADERNOS CERU*, São Paulo, 18 (1983/mai) p.91-129.
- NASH, Mary. *Two Decades of Women's History in Spain: a Reappraisal*. Em *Writing Women's History*. International Perspectives,. Macmillan, n.21.
- NOVINSKY, Ilan W. H. *Heresia, mulher e sexualidade*. Em *Vivências* (História, sexualidade e imagens femininas). São Paulo. Fundação. Carlos Chagas/Brasiliense, 1980.
- PENA, Maria Valéria Juno. *Mulheres e trabalhadoras, presença feminina na constituição do sistema fabril*. São Paulo, Paz e Terra, 1981.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- , *Práticas da memória feminina*. Em *REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA*; A mulher e o espaço público. Anpuh-Marco Zero, nº 18 (1989),
- , *Les Femmes, le pouvoir, l'histoire*. Em *Une histoire de Femmes est-elle possible?*. Paris, Rivage, 1984.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- , *Os prazeres da noite: Prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- RUSSELL-WOOD, A.J.R. *Women and society in colonial Brazil*. Em *JOURNAL OF LATIN-AMERICAN STUDIES* nº 91.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*. São Paulo, Paz e Terra, 1989.
- SAMARA, Eni. *As mulheres, o poder e a família- São Paulo, século XIX*. São Paulo, Marco Zero/SECSP, 1989.

- SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo, Livraria Quatro A, 1969.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *O trabalho feminino do Brasil colonial (1765-1822)*. Em *Anais da VIII Reunião da SBPH*, São Paulo, 1989.
- , *Sistema de casamento no Brasil colonial*. São Paulo, T.A. Queiroz/EDUSP, 1984.
- SCOTT, Joan. *Gender and the politica of History*. Nova York, Columbia University Press, 1988.
- , *Gênero uma categoria útil de análise histórica*, Em *Mulher e realidade: mulher e educação*. Porto Alegre, Vozes 16 (1990-jul/dez), nº 2,
- , *História das mulheres*. Em BURKE, Peter (org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, UNESP, 1992.
- SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana-1890-1920*. Rio de Janeiro, Forense, 1989.
- SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- TELLES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- TEIXEIRA, Amélia R.S. et alii. *O trabalho da mulher na indústria de vestuário*. Em *Mulher, mulheres*. São Paulo, Cortez-Fundação Carlos Chagas, 1983.
- THOMPSON, P. *A voz do passado*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- THOMAS, Keith. *History and Anthropology*. M. I. F. MATOS, *Gênero: trajetórias, desafios e perspectivas...Em PAST. AND PRESENT*. nº24 (1963), p. 3-24.
- , *O homem e o mundo natural*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- VAINFAS, Ronaldo. *Os trópicos dos pecados*. Tese de doutorado. São Paulo, 1986.
- , (org.). *História e sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- VEYNNE, P. (org.). *História da vida privada: do Império Romano ao ano mil*. São Paulo, Companhia da Letras, v. 1, 1990.
- , *Como se escreve a história*, Distrito Federal, Universidade de Brasília, 1982.

Maria Izilda S. de Matos  
Coordenadora do Núcleo de Estudos da Mulher (PUC-SP)  
Professora Associada de História  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo